

O Ensaio sobre a Cegueira:
um estudo sobre as tramas da moda e dos sentidos¹

MARIANO, Renata Fambelio Gomes²

RESUMO

Por meio da obra se Saramago é possível determinar um diálogo com o universo da moda. O Ensaio sobre a Cegueira disserta, dentre outras questões, sobre a cegueira em várias perspectivas, muito além do aspecto físico, chamando a atenção para a valorização do sentido da visão em detrimento do uso dos outros sentidos e como isso reflete nas relações humanas. São questões que o livro aborda e que podem muito bem servir de reflexão sob o ponto de vista da moda. Pensando nisto, o presente artigo busca realizar um breve estudo sobre como “se vê” a moda e a importância do conhecimento sobre a percepção sensorial do tecido, ressaltando, principalmente, o uso do tato e da visão nesses processos, apresentando como pano de fundo as reflexões levantadas no livro do escritor português.

Palavras-chave: Sentidos. Percepção. Tecido. Cegueira.

Abstract: *Through Jose Saramago's Blindness is possible to connect a dialogue with the world of fashion. It discusses, among other themes, about blindness issues in several perspectives, far beyond the physical aspect, pointing out the appreciation of sight over the use of other senses and how it reflects in human relations. These are questions covered by the literature that might propose reflections to the fashion point of view. Considering it, this article tries to make a brief study on how fashion is seen and how important is the knowledge of tactile perception of textile, highlighting the use of touch and vision in these processes.*

Keywords: *Sense. Perception. Textile. Blindness.*

¹ Este artigo foi apresentado no Congresso Internacional de Moda 2016 (3º CIMODE 2016)

² Mestre em Têxtil e Moda - EACH USP, graduada em Design de Moda pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2009). Profissional na área de têxtil e moda, atuando no mercado e na área acadêmica. E-mail: renatafombeli@yahoo.com.br.

Um paralelo entre a moda e o ensaio de Saramago

"Não vejo, não vejo [...] Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco" (SARAMAGO, 1995, p.13).

O homem é dotado de cinco sentidos, o tato, o olfato, a visão, o paladar e audição, estes cientificamente comprovados, cinco sentidos capazes de perceber o espaço e os objetos a sua volta, agindo isoladamente ou em conjunto. Mas por facilidades, comodismo e também incentivo do mundo a nossa volta acabamos por nos apoiar mais em um deles, a visão.

A falta deste sentido torna-se algo aterrorizante: a maioria das pessoas são tão dependentes que não conseguem imaginar estar num mundo sem ser guiado pelos olhos. Porém José Saramago, escritor português, imaginou esta possibilidade e diante deste fato escreveu "Ensaio sobre a Cegueira". O livro incia sua história a partir de um motorista que ao parar num farol em meio a sua correria diária nota que ficou cego de forma repentina, uma cegueira branca e a partir deste ponto outras pessoas com as quais ele se relacionou mesmo que por um curto espaço de tempo vão cegando também e aos poucos uma cidade inteira vai ficando cega, fazendo com que as pessoas sejam obrigadas a usar os outros sentidos para poder se orientar.

Um dos principais questionamentos do livro é a cegueira da razão, expondo uma sociedade que chega a condições sub-humanas, mostrando o que há de mais sórdido e agressivo na relação entre as pessoas quando se deparam com o limite da luta pela sobrevivência e com o fato de não poderem ser vistos, e o quanto a imagem se torna um escudo para as reais necessidades e ações e desta forma "cegam" tanto para si mesmo como em relação ao outro.

A ideia de escrever o Ensaio sobre a Cegueira surgiu em 1991, quando José Saramago encontrava-se em um restaurante de Lisboa. Quatro anos depois, em 1995, a obra foi publicada. Segundo Silva (2012) relata que Saramago aguardava seu pedido neste restaurante e ao observar o movimento da rua lhe veio à ideia: e se todos fôssemos cegos? A partir disso surge outra questão: E se não pudéssemos ver como seria o ato de se vestir? Que importância seria dada a moda?

'[...] o Ensaio sobre a Cegueira consiste em um romance ficcional verossímil que se estrutura aos moldes ensaísticos, sendo, pois, um romance ensaístico em que o autor-narrador descortina suas inquietações perante aspectos da vida humana, podendo estabelecer um diálogo de caráter filosófico, inclusive com outros autores, com vistas a denunciar hábitos humanos e discutir suas idiossincrasias. (SILVA, 2012, p. 21)

Apesar da angústia e do peso que a história traz, há muita beleza na redescoberta da importância dos outros sentidos para poder se relacionar com o mundo de forma mais completa, Conforme Silva (2012) ressalta a relevância da percepção/descrição/interpretação da realidade pelo corpo, cujo tema também é tratado no Ensaio. Ainda segundo o autor, esta relevância que se opõem a ideia da concepção racionalista segundo a qual a suposta “verdade” encontrar-se-ia exclusivamente na reflexão.

Este pensamento está de acordo com a teoria sobre a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1994) que diz que é a realidade do corpo que nos permite sentir e portanto perceber o mundo, os objetos e as pessoas. É a realidade do corpo que nos permite imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher, o que significa que o que é real não esgota em consciência, que a nossa percepção não pode perceber toda a realidade, uma vez que não há divisão entre sujeito e objeto na filosofia de Ponty .

Ao pensar nesta relação entre o corpo, a percepção e a comunicação com o mundo, torna-se possível estabelecer uma ligação com a moda como a conhecemos hoje, mais especificamente a moda do vestuário, este está em contato direto com o corpo não só de forma física mas também como um signo. A roupa é uma forma de comunicação, portanto o apelo visual se torna algo de primeira importância pelo fato de que a primeira instância da atração se dá pela aparência.

Segundo Guy Debord, em sua obra a Sociedade do Espetáculo, citado por Fredric Jameson (2004, p.102), “A imagem tornou-se a forma final da reificação”, ou seja essa dependência da nossa sociedade atual pela imagem deve-se muito a forma como transformamos o que é abstrato em matéria e o valor histórico que depositamos ao que surge de “novo”, mas um “novo” que sempre remete a estilos do passado. Na moda isso acontece de forma bastante clara, por meio das formas, volumes, cores, ícones, bem como essa dinâmica da novidade a cada 6 meses misturam – se satisfações e desconfortos, necessidades e desejos num caldeirão de imagens.

Em meio a este bombardeio visual em que vive a sociedade contemporânea nos tempos atuais, o corpo passa a ser um veículo de linguagem, de comunicação visual, por meio de uma interação da roupa com as diferentes formas de expressão de nosso corpo somado ao signo que ela representa.

Umberto Eco, no livro a Psicologia do vestir, afirma que “A roupa e a aparência descansam sobre códigos e convenções, muito dos quais são sólidos e intocáveis, defendidos por sistemas de sanções ou incentivos tais como levar os utentes a ‘falar de modo gramaticamente correto’ a linguagem do vestuário”

A moda é capaz de transitar com facilidade pelo luxo, o belo e o glamour trazendo consigo também a possibilidade de identificação, diferenciação e auto-afirmação dos indivíduos. Faz do corpo o suporte do espetáculo apresentando ao seu público a beleza como ícone que se torna algo desejável e isso se deve ao fato de ser praticamente inatingível. Valentino Garavani,

estilista italiano é um bom exemplo disso, pois apresenta vestidos com um caimento impecável prometendo a beleza, o prestígio e garantindo a felicidade de quem os possui e para causar esse efeito, suas criações estão sempre ligadas a mulheres que são ícones no nosso séc, como Jackie Kennedy, Elizabeth Taylor, Audrey Hepburn e a Princesa Diana. Mulheres que ditaram comportamentos e a moda.

Esse espetáculo reapresentado a cada 6 meses, é uma das formas de se hipervalorizar a aparência física, auxiliado pela repetida e exaustiva exposição da imagem de modelos e celebridades. O corpo se torna a vitrine da felicidade, seduz e expressa desejos do ser humano, e por meio da moda conduz quem opta por segui-la, "A moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro". (LIPOVETSKY, 1989, p. 39).

Logo neste sistema da moda, a imagem seduz, atrai o olhar, ressaltando e ao mesmo tempo igualando indivíduos, iconizando atitudes e comportamentos de tempos em tempos e por meio do vestuário e da exploração do visual, assim transforma e também reafirma a linguagem efêmera da moda, onde o que vestir é mais importante do que o por quê vestir.

Algo que chama a atenção no livro é a ausência de nomes dos personagens principais, estes são identificados por sua função na história como o médico, a mulher do médico, o primeiro cego ou por alguma característica que não chega a ser individual do personagem, poderiam ter outros personagens de óculos ou de venda preta, como a rapariga de óculos escuros, o garoto estrábico e o velho da venda preta. Essa ausência da identificação extremamente pessoal não impede o leitor de conhecer mais a fundo os personagens no decorrer da história que se desvenda por suas atitudes e a forma como cada um lida com essa nova maneira de perceber o mundo às cegas.

E ao refletir sobre a identificação do indivíduo dentro de sua comunidade é possível traçar um paralelo com a moda quando esta é pensada como um agente de diferenciação e ao mesmo tempo de pertencimento, como afirma Suzana Avelar (2006) que diz que a moda introduz, através do "novo", mudanças nos padrões do comportamento tradicional e ao longo do século XX foi possível notar essa mudança de padrões no que se refere a reação da sociedade com a moda. Esta está cada vez mais direcionada a especificidade de cada grupo, ou "estilos de vida".

Ou seja, a moda é capaz de identificar indivíduos o destacando da massa, mas também o insere e o camufla no seu grupo social, de acordo com o desejo de individualização ou de necessidade de seguir tendências por cada indivíduo. Assim como afirma Crame (2012) as roupas são capazes de criar comportamentos devido a sua capacidade de impor identidades sociais ou afirmarem identidades sociais veladas.

Ao notar a maneira como a sociedade do século XX consome a moda, seguem tendências e se prendem a imagem do que querem parecer ser ou afirmar que

são, se aproxima muito a cegueira narrada por Saramago, pois acaba-se perdendo a sensibilidade de “ver” além da imagem da moda, afinal o vestuário dialoga com os outros sentidos também, principalmente com o tato.

Além disso forma como se criam boa parte das coleções de roupas comerciais que se baseiam na tendência de consumo, faz com que o estilista se torne mais restrito ao “criar”, sendo que é possível explorar a percepção sensorial desde o início da criação.

1.1 Sobre o Texto e o Tecido

Deve-se ressaltar que o tecido é a matéria prima do vestuário. Em conformidade com Saltzman (2004) que diz que o tecido funciona como uma extensão da epiderme, uma pele sobrepondo a pele, tornando viável obter e até mesmo desejar certas sensações táteis.

A palavra TECIDO é originária do latim TEXERE que significa trançar, tramar. O tecido nos cerca, embala, protege e auxilia e pode muito bem ser identificado como a pele da sociedade, evoluindo desde o seu modo de fazer até a sua utilização de maneira simultânea a evolução da humanidade.

O tecido não só protege e auxilia o homem como também entrelaça simbolismos e da base para outras relações. Tendo como parâmetro a língua portuguesa, possível traçar uma associação ente o ato da escrita e o ato de tecer, ao investigar a etimologia da palavra TEXTO, descobre-se que é um termo originário do latim téxtus que deriva da palavra tecer. O caminho horizontal que o fio da trama percorre os fios de urdume é muito parecida com a maneira como se escreve ou a maneira como percorremos as palavras com os olhos no ato da leitura, e a mesma palavra que descreve o entrelaçamento de fios também é utilizada para descrever a o entrelaçamento das palavras, a Trama (trama do tecido e trama da história). A mesma associação se faz ao pensar nos pontos de tricô ou crochê e a pontuação de um texto. E não é a toa que dizemos que perdemos o “fio da meada” quando perdemos a idéia do que estávamos falando ou escrevendo. E indo mais além, podemos estabelecer uma relação entre a junção de palavras que formam um texto e a junção de pedaços de tecidos que formam a roupa. Nesses dois casos (o texto e a roupa) determinam um diálogo entre quem veste/ escreve e quem vê/ lê.

É o que afirma a Profa. Dra. Kathia Castilho:

[...] o tecido é um texto que responde a diferentes categorias de leituras: A visual, a tátil, a estesia (capacidade de perceber sensações). O texto têxtil possui uma organização específica que se revela por meio de vários processos e escolhas, que são determinadas desde a seleção do material, do tipo de fibra, da densidade do fio, do número de torções, da estruturada trama, da coloração e das possibilidades de tingimento, dos vários beneficiamentos, etc.; e que são sensorialmente reconhecidas,

decodificadas em sua relação direta com o sensorial tátil da pele e com o meio circundante ganhando assim significações em seu ser e estar no mundo." (CASTILHO, K. no prefácio CHATAIGNIER, 2006, p. 12)

A verdade dos sentidos

[...] Penso que não cegamos,
penso que estamos cegos,
cegos que veem [...]]
cegos que vendo não veem."
(SARAMAGO, 1995, p.310.)

O que torna a imagem interessante não é apenas o que ela diz mas também o modo como ela diz. Esse modo está ligado a um plano de expressão utilizando como uma das formas o ritmo visual que faz parte do fenômeno que é a percepção visual. Assim como o ritmo sonoro é perceptível ao sentido da audição o ritmo visual é perceptível a visão.

Merleau- Ponty (1964, p. 113-114) afirma que “vivemos num mundo essencialmente visual, e nunca faríamos um mundo com perfumes e sons”. O que se afasta do que é visível torna-se ameaçador pra nós porque é incerto: há mais chances de se cometer erros e falhas, pois nos deparamos com um território obscuro, sem contornos, onde não há objetividade, por isso as pessoas tendem a se apegar tanto a visão.

E pensar somente sobre os moldes da visão, da evidência e certeza que ela nos dá, nos faz esquecer outras formas de pensar, com os outros sentidos, pois a visão nos ocupa a mente, no momento em que olhamos captamos uma grande quantidade de informações e uma boa parte do cérebro é necessária para processar as mesmas.

Para vivenciarmos novas experiências é necessário nos desligarmos um pouco da visão, não é por acaso que fechamos os olhos para uma boa música, para beijar e meditar, essas formas de pensar se mesclam com a confusão do sentir, tornam as fronteiras inexistentes, nos abrem portas para repensar o mundo, conhecendo-o de maneira mais completa, inclusive nos faz prestar mais atenção as experiências que se passam dentro de nós. Citando novamente Merleau-Ponty, no livro “Fenomenologia da Percepção”, que diz: “Sentir é obter qualidades... e a qualidade não é elemento da consciência, é uma propriedade do objeto.”

É possível entender como sensação a forma como somos afetados e a experiência causada pelo choque diferenciado. Segundo o minidicionário Aurélio (2001, p. 630), “a sensação é a impressão causada num órgão receptor por um estímulo e que por via aferente é levado ao sistema nervoso central, Surpresa, ou grande impressão”.

E a reflexão é a base do sentir. O ato da reflexão sobre o objeto que se vê ou toca é torná-lo consciência, é descobrir a sua qualidade própria, é chegar a percepção, que nada mais é que a interpretação significativa das sensações.

Essa noção vaga de sensação que se tem quando se usam os órgãos receptores meramente como transmissores, falseia toda a análise da percepção, forma um pensamento objetivo que se contenta com um mundo pronto, já codificado e por isso mesmo raso e superficial, é necessário utilizar todos os 5 sentidos, quando possível, de forma reflexiva e consciente, assim os objetos, as pessoas e os lugares se tornam mais reais e completos.

Um mundo quando é somente visto se torna-se ideal, desta forma as pessoas tendem a se relacionar pelo olhar, mantendo certa distância segura do mundo, nada é verdadeiramente tocado, e assim já não se tem a dimensão exata do sensível, físico, corporal, e através da distância passam a idealizar os objetos e as pessoas.

Tocar é necessário para o reconhecimento do objeto ou pessoas, não é a toa que se chama ao que parece real de “tangível”.

No livro há uma passagem que ressalta a importância do tato para perceber o ambiente: “Depois, apalpando, tropeçando, contornando os móveis, pisando cautelosamente para não enfiar os pés nos tapetes [...] com o medo de cair o cego arrastava os pés [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 14). Nesta passagem fica evidente a falta de habilidade ao ter que usar o tato para substituir a visão no ato de se orientar, porém com o passar do tempo e algum treino nota-se através da observação de pessoas que perdem a visão ao longo da vida que o tato acaba adquirindo uma importância pela possibilidade de se dá em perceber o ambiente ao redor. Como enfatiza Borges Filho citado por Silva (2012, p. 39): “[...] no reino animal, as mãos humanas são insuperáveis; elas combinam força e precisão de maneira incomparável.”

Um toque é capaz de chamar muito mais atenção que o contato verbal, e afeta quase tudo o que fazemos, nenhum outro sentido é capaz de despertar sensações em outro indivíduo ou em si mesmo como o tato, sem ele viveríamos num mundo morto, confuso onde não haveria a noção exata do volume e passaríamos pelo dia sem feições, podendo nos acidentarmos sem sentir, é a “flor da pele”, que nossos verdadeiros sentimentos, sensações e intenções se mostram verdadeiramente.

O tato se dá através da pele que envolve o corpo por inteiro, é o que fica entre o ser e o mundo, embala o corpo, limitando-o, mas ao mesmo tempo o protegendo de agentes externos e mudanças bruscas de temperatura, assim como a roupa, esta muitas vezes chamada de segunda pele. Há áreas da pele mais sensíveis que outras, mas todo corpo é capaz de sentir, por meio da pressão, mudança de temperatura, textura e outros estímulos.

Quando se toca algo suavemente e continuamente o nosso cérebro lê os sinais como um código Morse que identifica a sensação do objeto, ajuda os olhos a

esclarecerem o que vêem. E este que nos ajuda a encontrar o caminho quando não podemos usar os outros sentidos.

O tato é o sentido mais antigo e o mais urgente. Como disse Frederick Sachs, em *The Science* (ACKERMAN, 1988), “o tato é o primeiro sentido a acender-se e o último a extinguir-se: muito depois de nossos olhos nos traírem, nossas mãos permanecem fiéis ao mundo [...] quando descrevemos a partida final dizemos que perdemos o contato”

A relação com o que se veste não é somente visual, pode ser olfativa e principalmente tátil. Pois é através da textura dos tecidos e a maneira como este se comporta no corpo, é que auxilia a definir o que será usado. A escolha de uma roupa faz parte de uma análise reflexiva, é sentir antes de realmente sintetizá-la.

Issey Miyake, por exemplo, explora as texturas e a tecnologia têxtil para propor uma moda que se aproxima da arte e a arquitetura, e tem a preocupação com a estética visual em parceria com funcionalidade e manifestação de idéias.

O Ensaio dá a possibilidade de pensar além de si mesmo e do formato como normalmente se vê o Outro afinal propõe reflexões sobre as essências do ser humano, e os processos perceptivos do indivíduo que perdeu a visão em relação ao mundo a sua volta. E retoma-se a questão inicial: E quem não vê, como se veste?

[...] Veste tu isto, que vai melhor com essas calças, as riscas não jogam com as pintas, [...] mas quer a rapariga dos óculos escuros, quer a mulher do primeiro cego fizeram questão de saber que cores e que padrões levavam postos, desta maneira, com a ajuda da imaginação, poderão ver-se a si mesmas.” (SARAMAGO, 1995, p.231).

37

É através da textura e da forma que a pessoa com deficiência visual identifica a peça que irá vestir, ouvindo a descrição do que é belo, sentindo o conforto da peça no corpo é que cria seu conceito do que é bonito vestir. Em entrevista realizada em 2009, com Marcela, 25, e Anderson, 28, cegos de nascença, disseram que cuidar da imagem que não se vê é muito importante pra eles, pois sabem que existem pessoas que os vêem, e além disso cuidar de si e da própria aparência é um sinal de bem estar e auto confiança.

Ressaltaram a questão da textura como opção de escolha e combinação das peças, além de auxiliar na organização das peças dentro do guarda roupa, onde as peças são separadas por categorias (calças, camisas, blusas de frio) e dentro destas categorias por texturas parecidas o que facilita a identificação das peças e suas possíveis combinações.

Assim os tecidos são capazes de produzir sentidos a partir do reconhecimento de sua constituição: se os fios, com os quais são construídos os tecidos, são sintéticos ou naturais, dado que no contato com o corpo, esses vão gerar efeitos de sentido de maciez ou aspereza, flexibilidade ou rigidez, lisura ou rugosidade, transparência ou opacidade, resistência ou fragilidade, acolhedor ou distanciadador, percepções térmicas e de conforto. São também reconhecidos por

intermédio do contato com o olhar do outro quando se verifica uma série de outras relações determinadas pela luminosidade, movimento e gestualidade, etc. (CHANTAIGNIER, 2006, p.13)

Logo, é notável que o tecido é uma importante ferramenta para a moda, não só por ser a matéria prima das roupas mas por oferecer possibilidades de explorações sensoriais tornando o experiência da moda algo completo e enriquecedor para quem pode ver e para quem não pode.

Conclusão

O Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago questiona o que é a cegueira e como o indivíduo se cega para o Outro, expondo o que há de melhor e pior no comportamento do ser humano, ressalta o quanto a sociedade supervaloriza o sentido da visão, o quanto é importante a percepção do mundo de forma mais consciente com o apoio de todos os sentidos. Ele também levanta a questão sobre o que é o indivíduo dentro da sociedade através da ausência dos nomes e de outras maneiras de caracterizar os personagens do livro. Toda essa problematização pode ser avaliada sob o viés da moda, refletindo sobre como a moda também é capaz de cegar através da supervalorização da imagem, dos ícones inalcançáveis excesso de consumo para fazer parte de um padrão; a importância que se dá para o julgamento do outro e como é julgado quem não está dentro dos padrões vigentes. É possível pensar sobre o comportamento de pessoas que de tanto querer se individualizar acabam muitas vezes por fazer parte de uma massificação da aparência, exemplificada pela chamada tendência de moda, e também o comportamento do mercado ditando regras na criação das coleções desde o princípio.

Porém há também a possibilidade de “olhar” com mais atenção para outras maneiras de se perceber sensorialmente a moda, direcionando a atenção para a sua matéria prima, o tecido, que assim como as palavras formam os textos. Nota-se a importância da atenção voltada a textura e a sensação que ela pode despertar e como este fato pode alterar as relações da pessoa consigo mesma e por consequência com o outro. O estudo sobre a percepção sensorial é de extrema importância para moda, desde a sua criação até o uso do vestuário pelo consumidor no dia a dia, resultando em uma experiência mais rica e completa da moda e principalmente de forma mais consciente.

Referências

AVELAR, Suzana. **Moda, globalização e novas tecnologias**. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2011.

ACKERMAN, Diane. A Natural History of the Senses, 71, quoting *Frederick Sachs*, "The Intimate Sense of *Touch*," **The Sciences**, January- February 1988. 37. Martin L.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

CRAME, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2006.

ECO, Umberto e outros: **Psicologia do Vestir**, 3. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

FERRARI, A. Mini Aurélio: **Minidicionário da língua portuguesa**, 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e: Potencialidade do ritmo em processos de significação de textos visuais. **Revista Dobras**. Vol. 2 nº3, 2008.

SATMAN, Andrea. **El Cuerpo Diseñado**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SILVA, Hudson Marques: **O visível e o invisível em ensaio sobre a cegueira de José**. 2012. Dissertação (mestrado em Literatura e Interculturalidade) Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI – da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB , 2012.